

TEMAS AMBIENTAIS E O ENSINO/APRENDIZAGEM DE ARTES VISUAIS: REFLEXÕES SOBRE UMA POÉTICA AMBIENTALISTA NA SALA DE AULA

ENVIRONMENTAL ISSUES AND THE TEACHING / LEARNING OF VISUAL ARTS: REFLECTIONS ON AN ENVIRONMENTALISTIC POETRY IN THE CLASSROOM

Nélia Lúcia Fonseca/UFPA

RESUMO

A questão ambiental é hoje uma grande preocupação mundial e a escola já vem refletindo sobre essas questões a algum tempo, bem como, o componente curricular Arte vem explorando conteúdos sobre essas questões através de artistas que trazem essa reflexão por meio de suas obras. Esse texto expõem três partes: o artista e a arte que denuncia e ao mesmo tempo cria uma poética ambientalista; o ensino das artes visuais e as questões ambientais e por fim uma vivência coletiva que se encaminha para a prática da interdisciplinaridade através do tema gerador e da pedagogia Freireana dentro da modalidade de Educação de Jovens e Adultos numa escola de educação básica da rede municipal de ensino.

PALAVRAS-CHAVES

Arte; Ambiente; Ensino

ABSTRACT

The environmental issue is now a major concern worldwide and the school has been reflecting on these issues for some time, while the curricular component Art has been exploring content on these themes through the works of different artists. This text exhibits three parts: the artist, whose art both denounces and creates an environmental poetics; the teaching of visual arts and environmental issues; and, finally, a collective experience that aims to implement the practice of interdisciplinarity through the generating theme and Freirean pedagogy within the modality of Youth and Adult Education in a basic education municipal school.

KEYWORDS

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

Introdução

Vivemos um momento de crise do meio ambiente, em que precisamos repensar os rumos que estamos dando ao planeta. Há uma preocupação mundial com o aquecimento global, com o desmatamento na Amazônia, com a quantidade enorme de lixo ou resíduos sólidos produzidos nos grandes centros urbanos, com a poluição dos oceanos e agora a preocupação com uma pandemia viral que tem levado as pessoas ao isolamento social e vem transformando o modo de vida nas metrópoles.

Para refletir como nossa atual “civilização” tem tratado o planeta, a si mesma e a seus semelhantes, os artistas, por meio da Arte, têm expressado tal contexto, conforme a imagem abaixo que circulou nas redes sociais e que teve grande impacto em função da criação artística. Nela, revela-se um Brasil de luto pelas mortes e expõe a fala do presidente da república ao ser questionado por uma repórter sobre o Brasil ter ultrapassado a China em número de mortos pela Covid-19, chegando a 5.017. E a resposta do presidente é: “E daí?”

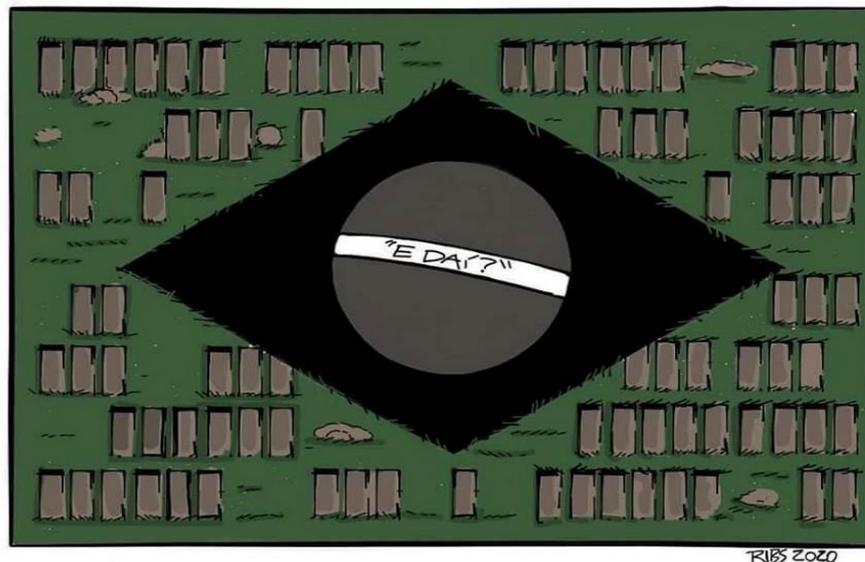


Figura 1. E DAÍ? 2020. Criada por Ribs, imagem retirada da internet.
<https://fonte83.com.br/e-dai-de-bolsonaro-e-tema-das-charges-desta-quarta-veja/>

A política brasileira para o meio ambiente também tem se demonstrado uma catástrofe, uma vez que o desmatamento na Amazônia tem aumentado drasticamente em relação ao mesmo período do ano passado¹.

Assim sendo, considera-se oportuno aprofundar as reflexões sobre Arte/Artistas/Meio Ambiente objetivando compreender a relevância das inter-relações das temáticas nos processos de ensino/aprendizagem em Artes Visuais.

Arte, Artistas e Meio Ambiente

A relação arte e meio ambiente envolve materiais e a representação visual de tudo que encanta e desafia o olhar humano.

Depois de muitos séculos explorando a natureza, o ser humano parece se afastar dela e não se vê como ser pertencente da própria natureza. Sempre quer dominá-la ou destruí-la, e essa cultura predatória se inicia com o neoliberalismo econômico ainda na década de 80 do século XX.

O neoliberalismo econômico tem se mostrado na prática uma forma destrutiva de exploração do meio ambiente, já que quer impor um estado mínimo e tudo isso leva a uma economia da exploração que não parece se importar com o meio ambiente e com o esgotamento dos recursos naturais.

Essa exploração inesgotável por pessoas inescrupulosas tem levado à invasão de territórios de povos tradicionais e indígenas. Essas invasões ilegais podem levar as florestas e os ecossistemas a uma destruição violenta e irreversível.

No Brasil, há uma grande exploração de minérios, principalmente nos estados do Pará e de Minas Gerais. Por duas vezes a empresa responsável por essas explorações causou grandes danos. Primeiro em 2015, ao subdistrito de Bento Rodrigues, que faz parte do distrito de Santa Rita Durão, no município de Mariana – MG. Depois, ao município de Brumadinho, outra cidade mineira, no ano de 2019.

O que justifica uma mineradora causar “acidentes” ambientais de proporções gigantescas a ponto de destruir ecossistemas, matar inúmeras pessoas e prejudicar essas cidades e seus cidadãos? Será que esses locais e as pessoas que moram ali conseguiram superar esse trauma? As florestas e os rios poderão se recuperar novamente e totalmente?

Essas questões podem ser tratadas em sala de aula por professores de Arte, justamente para levar a uma reflexão sobre meio ambiente, cidadania, ecossistemas e culturas locais. Mas pode ir além, ao debater, por exemplo, se o que ocorreu foi “acidente” ou um “crime” ambiental. É aí que entra a criação artística, pois os artistas estão sempre a representar e expor o tempo presente, como faz o artista visual Mundano.

Este artista criou uma pintura num prédio de São Paulo em que retrata as pessoas que morreram no “acidente/crime” ambiental da cidade de Brumadinho-MG. A pintura foi feita com o uso da lama tóxica, com pesquisa de cores, e eterniza rostos de trabalhadores que moravam em Brumadinho. A arte faz referência aos operários da fábrica de Tarsila do Amaral, o que nos remete à luta de classes, a rostos que não podem ser tratados como apenas números numa estatística de mortos e ao fato de que não foi um acidente ambiental, mas um crime ambiental, em que morreram 259 pessoas e onze ainda estão desaparecidas².

Por isso, Mundano se autodenomina “ativista”, numa mistura de arte com ativismo.



Figura 2. Operários de Brumadinho, 2020. Criado por Mundano imagem retirada da internet <https://www.hypeness.com.br/2020/01/mundano-usa-lama-toxica-de-brumadinho-em-painel-inspirado-em-tarsila-do-amaral>

Vindo para um momento ainda mais recente, tem nos chamado atenção vários noticiários sobre ações ambientais que acontecem em tempos de pandemia, como, por exemplo, as operações do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) para impedir garimpeiros de invadir reservas indígenas, tendo em vista o iminente e preocupante risco de contágio do novo coronavírus pelos indígenas.

E os artistas e a Arte estão aí para representar o tempo presente e as relações homem-natureza, arte e ativismo, como podemos ver no vídeo de Sebastião Salgado³, criado para mostrar ao mundo e, principalmente, ao Brasil e ao governo brasileiro o dever humano de proteção da vida das florestas e dos povos indígenas.

Todos esses exemplos podem e devem ser expostos em sala de aula para motivar debates e reflexões dialógicas durante as aulas.

Arte/Educação e a relação com o meio ambiente

Professores de arte são formados em quatro campos artísticos: artes visuais, teatro, dança e música.

Vamos nos deter a aulas específicas de Artes Visuais, já que nossa inter-relação é justamente entre o trabalho artístico visual e o meio ambiente, e o fato de vários artistas visuais trabalharem com questões ambientais.

Há algum tempo temos explorado/investigado em sala de aula artistas que dão visibilidade às questões ambientais. Mas de que questões ambientais estamos falando?

Estamos falando de diferentes questões, e podemos exemplificar usando a Agenda 2030, da Organização das Nações Unidas, que trata de questões bastante desafiadoras do mundo complexo em que vivemos, sendo necessário problematizar no campo da Arte.

Ao observarmos os dezessete Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis da Agenda 2030⁴, dentre os quais a erradicação da pobreza, fome zero e agricultura sustentável, saúde e bem estar que são três desses objetivos, conseguir alcançá-los pode-se considerar realmente um grande desafio, principalmente no que diz respeito ao Brasil, um país continental com grandes desigualdades sociais em que as cidades crescem desordenadamente, populações periféricas passam fome e sofrem com sérios problemas de saneamento básico e de falta de água potável.

Mas, antes de abordarmos essas questões, vamos nos ater à FUNBOSQUE - Fundação Escola Bosque Prof. Eidorfe Moreira e à Educação de Jovens e Adultos, que é a modalidade de ensino na qual atuo como professora de Arte.

A FUNBOSQUE foi inaugurada em 26 de abril de 1996, na Ilha de Caratateua, e agrega o Coordenadoria de Desenvolvimento Comunitário (CDC), o Ecomuseu da Amazônia, a Escola da Pesca e a Escola Bosque Prof. Eidorfe Moreira. Seu projeto político-pedagógico, construído de forma coletiva em 2014, ressalta que:

A Escola Bosque tem como objetivo principal contribuir para a formação de uma nova ética social e ambiental, aliando a preocupação com os problemas globais ligados ao processo de degradação do meio ambiente aos problemas cotidianos, resultantes da ação predatória do homem, tendo como horizonte a afirmação da cidadania. (PPP Escola Bosque, 2014, p.9)

A Escola Bosque atende da Educação Infantil até o Ensino Médio, saindo o estudante com formação em Técnico em Meio Ambiente. Ou seja, o estudante é admitido na Educação Infantil, podendo seguir seus estudos até o Ensino Médio técnico, período em que terá uma aprendizagem voltada para a Educação Ambiental de forma transversal.

Apesar de ser a única escola da rede municipal a ofertar o ensino médio, a gestão atual da Escola Bosque está retirando gradualmente o ensino médio, o que se comprova pela não disponibilização de matrículas para o 1º ano, do Ensino Médio, em 2020.

A Escola Bosque também possui cinco anexos nas ilhas próximas a Belém, como Cotijuba, Jutuba e Jamaci, sendo que apenas a unidade pedagógica da Faveira, localizada em Cotijuba, possui turmas da Educação Infantil até o Ensino Fundamental maior.

Na Escola Bosque há sete professores de Arte, sendo seis com formação no campo das Artes Visuais e um em Música. Esses professores trabalham em modalidades de ensino distintos, o que faz com que o planejamento geral da disciplina seja feito de forma individual ou por segmento, seguindo agora a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que começou a ser implementada na escola em 2018.

Como trabalho no segmento da Educação de Jovens e Adultos - EJA, me encarrego de elaborar o planejamento letivo da 3ª e 4ª totalidades, que correspondem ao Ensino Fundamental maior, ou seja, do 6º ao 9º ano.

A EJA é uma modalidade de ensino que reduz o tempo de formação, sendo a 3ª totalidade correspondente ao 6º e 7º anos e a 4ª totalidade correspondente ao 8º e 9º anos. Essa modalidade de ensino é ofertada geralmente aos jovens (a partir de 15 anos) e adultos no período noturno, pois muitos trabalham durante o dia, sendo uma forma de adiantar/reduzir o tempo de formação regular àqueles que abandonaram os estudos muito cedo e ainda almejam concluí-los.

A Base Nacional Comum Curricular, especificamente para o componente curricular Arte, ainda precisa ser mais debatida entre as categorias dos professores de Arte (Artes Visuais, Música, Dança e Teatro), pois infelizmente ainda há muitos equívocos em sua implementação nas escolas. Não podemos ter um retrocesso e voltar a ensinar todos os campos artísticos através de um ensino polivalente, como vem acontecendo em algumas escolas da rede municipal, até porque hoje a formação do professor de arte é específica em um campo artístico.

Volto agora às questões específicas do ensino de Artes Visuais. Para isso, não podemos prescindir dos textos de Ana Mae Barbosa e outros (as) autores (as) que sempre trazem à tona um debate necessário sobre o ensino de Arte, seja nas escolas, seja em outros lugares de educação.

Barbosa (1998) aborda a necessidade de descolonizar os conteúdos escolares, ou seja, ela nos aponta que a arte indígena e a arte afro-brasileira precisam ter o mesmo status da arte europeia. A autora também anuncia o trabalho do ensino da arte com o meio ambiente, que se torna aqui nosso ponto de pauta. Vejamos o que diz Barbosa (1998):

Temos destruído o nosso povo, negando habitação e todas as formas de assistência a milhões de crianças que estão morrendo às ruas, temos destruído a nossa economia, aprisionados por uma dívida externa, temos destruído nossa estabilidade social debaixo de ditaduras opressoras. (BARBOSA, 1998, p. 114,)

Desde o século passado há uma preocupação com a destruição do meio ambiente, que vem ocorrendo de forma cada vez mais acelerada. Mediante tal situação, faz-se cada mais necessária uma educação que pense, reflita e busque uma consciência e um cuidado com o planeta, pois sabemos que a destruição total das florestas causará um dano não apenas para quem vive nelas, mas para o mundo inteiro.

Há hoje uma preocupação real em criar um currículo escolar que trabalhe com questões ambientais de forma transversal e a Escola Bosque tem esse objetivo bem demarcado pelo seu Projeto Político-Pedagógico de 2014, como vimos anteriormente.

Nas competências gerais da Base Nacional Comum Curricular, o seu sétimo ponto diz:

Argumentar com bases em fatos, dados e informações confiáveis, para negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamentos éticos no cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. (BNCC, 2017, p. 07)

Como podemos observar, torna-se vital hoje o trabalho educativo com questões ambientais, já que no campo da Arte há debates importantíssimos de tais temas através das obras dos artistas, como já vimos no primeiro ponto desse artigo.

Agora seria o momento de verificarmos como o ensino de arte pode utilizar esse debate artístico e ativista pelo meio ambiente dentro da escola.

Barbosa (2005) nos instiga a pensar sobre a arte/educação; qual seu valor e importância na educação escolar ou em outras instituições como os museus e espaços culturais; e por que há ocasiões em que a arte/educação é desvalorizada, pouco pensada e muitas vezes desprezada enquanto investimento intelectual e cultural.

Infelizmente, a falta de investimento e de criação de um setor de Arte/Educação para mediação do que é exposto em salões e museus juntamente com uma inter-relação com o ensino da Arte na escola acaba por perder muito em termos de público e de material, que poderiam ser explorados de forma educativa nas escolas e/ou salões e museus de arte.

A visita a Museus de Arte é um acontecimento muito valorizado pelos estudantes da EJA, uma vez que os mesmos não têm acesso a esses espaços por morarem em periferias, distantes do centro. Assim, esses locais só se tornam acessíveis quando programadas visitas pelo professor e pela escola. São ocasiões realmente especiais para os estudantes!

Ao abordarmos essas questões sobre acesso à arte voltamos novamente à Barbosa (2005), que diz:

Através da Arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e de desenvolver a capacidade criadora de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2005, p. 100)

A partir do que diz Barbosa, a ideia se encaminha para explorar um currículo formal de ensino de Arte que tenha essa capacidade de abordar e trabalhar com artistas que dialoguem com o meio ambiente, explorando também o meio ambiente do próprio estudante, sua casa, sua comunidade, sua cultura local e, ao mesmo tempo, fazendo esse contraponto com o mundo, o Brasil, a região amazônica e seu acervo museal, que explora/aborda as questões ambientais, como vimos na primeira parte desse texto.

No item que segue, será abordada a experiência com os alunos da EJA da Escola Bosque, conforme o que foi vivenciado em reuniões de reorientação curricular proposta pela coordenação pedagógica e pelo corpo de professores.

Teoria e Prática: uma experiência com Tema gerador

Desde o ano letivo de 2019, a Educação de Jovens e Adultos da Fundação Escola Bosque se empenhou em construir um tema gerador, iniciado a partir da palavra “Água”.

Para compreendermos melhor tal contexto, se faz necessário o relato de como surge a ideia de trabalhar com o tema gerador, lembrando que este está relacionado à pedagogia Freireana, ou seja, tem como base os estudos de Paulo Freire sobre alfabetização de adultos e sobre uma pedagogia crítica que leve os estudantes à autonomia de pensamento e ao exercício de reflexão crítica da realidade. Segundo Freire (2014, p.81), só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também.

No início do ano letivo de 2019 criou-se um grupo de estudo entre os professores da EJA da Escola Bosque para fazer uma reorientação curricular, uma vez que a EJA não está contemplada de forma específica na Base Nacional Comum Curricular.

Iniciando os estudos, começamos por esclarecer e refletir sobre a palavra “totalidade”, que desde 1999 tem substituído a palavra “etapa” na Educação de Jovens e Adultos da rede municipal.

Depois disso, a Sala de Informática realizou uma diagnose com os estudantes da EJA, em que a palavra “água”, dentre os temas que mais os interessava, surgiu de forma bem acentuada. É importante lembrar que a Fundação Escola Bosque foi criada em 1996 com o intuito de ser um centro de referência em Educação Ambiental na Amazônia, em que as crianças iniciariam seus estudos na Educação Infantil e chegariam até o Ensino Médio. Este último seria um curso técnico em Gestão Ambiental.

Devido às várias mudanças nas gestões municipais, o projeto inicial da escola foi se descaracterizando, e a escola, inicialmente planejada para receber cerca de 700 alunos, hoje atende mais de 2000, sendo cerca de 1700 na sede e cerca de 300 nos anexos das ilhas. Infelizmente, o aumento do número de alunos causa um impacto ambiental nos bosques da escola, bem como no próprio espaço físico da sala de aula, que fica superlotada e sua infraestrutura não suporta.

É importante ressaltar que os estudantes da escola, e mais especificamente da EJA, são oriundos da classe D. Nesse ano, houve um aumento de alunos adultos com faixa etária entre 40 e 60 anos, com histórias de vida bastante difíceis do ponto de vista

social, econômico e cultural, uma vez que a maioria é desempregada ou subempregada, trabalhando em empregos informais, sem carteira assinada ou como trabalhador autônomo.

Voltando à definição do tema gerador, primeiro chegou-se à definição da palavra geradora “Água” na diagnose e, a partir daí, foram pensadas questões para serem respondidas em debate na sala de aula, resultando dessas falas e reflexões dos alunos o referido tema gerador.

Durante o debate das questões sobre a palavra geradora, vejamos algumas falas/respostas de estudantes à seguinte pergunta:

O que seria a água nossa de cada dia?⁵

“Todo dia nós precisamos dela, sem ela a vida seria muito difícil.” (C.4ªTEJA2019)

“Na minha casa tem que esperar chegar a noite pra ter água, durante o dia não cai água”. (A.4ªTEJA2019,)

“Mesmo quando tinha água na torneira, a água nunca foi boa pra tomar.” (C.4ªTEJA2019)

O diálogo se desenvolveu com a turma e, através das falas dos estudantes, observou-se toda a problemática da água na ilha de Caratateua, onde o Poder Público não atua de forma eficaz, pois não há uma preocupação do Estado ou Município em levar água potável para toda a população da ilha.

De acordo com os relatos, os moradores fazem o que podem: armazenam água da chuva para limpar banheiro e outras áreas (e até mesmo para tomar banho), usam poços artesianos de vizinhos pagando uma taxa, compram água mineral engarrafada para cozinhar e beber. E assim vão seguindo com suas vidas na ilha, enfrentando os problemas que aparecem em seu dia a dia.

Felix Guattari, em seu livro *As três Ecologias*, aborda algumas questões que nos levam a pensar e refletir sobre a realidade da ilha de Caratateua.

O que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta, no contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico. Em função do contínuo desenvolvimento do trabalho maquinico redobrado pela revolução informática, as forças produtivas vão tornar disponível uma quantidade cada vez maior do tempo de atividade humana potencial. (GUATARRI, 1990, p. 08-09)

Além da pedagogia freireana, levou-se em consideração o Projeto Político-Pedagógico da Escola Bosque e a Base Nacional Comum Curricular, já citadas nesse texto.

Iniciamos a produção de nosso planejamento para 2020 visando à continuidade do trabalho com o tema gerador e sua rede temática. Passamos a relatar aqui uma experiência com produção de vídeos realizados com os estudantes da 4ª totalidade, ainda no ano de 2019, sobre o olhar do estudante para o meio ambiente em que vive.

Nessa experiência com o tema gerador e com vídeos, foi sugerido aos alunos que filmassem o meio ambiente onde moravam, mostrando os problemas que eles enfrentam na comunidade devido ao descaso da gestão pública e à falta de conscientização dos munícipes.

Então, alguns estudantes filmaram a falta de saneamento básico em suas ruas, a chuva torrencial e as ruas alagadas, muito mato, lama e buracos na via pública. Outro aluno filmou lixo e entulho amontoados em lugares inapropriados nas ruas onde moram, chamando a atenção para essa problemática. Outro filmou a falta de água em sua casa, mostrando os depósitos de água e as torneiras sem sair água.

Como essa experiência ocorreu no término do ano letivo e, devido à realização de outras atividades pelas turmas, não foi possível fazer a apreciação em sala de aula das produções realizadas.

Nesse início de ano letivo de 2020, já estávamos em processo de planejamento e retomada dos trabalhos quando fomos surpreendidos pela pandemia da Covid-19. Agora, aguardamos o retorno das aulas para dar continuidade ao planejamento e às atividades iniciadas no ano passado.

Notas

¹<https://www.brasildefato.com.br/2020/05/08/desmatamento-na-amazonia-cresce-63-7-em-abril-grileiro-nao-faz-home-office>

² <https://brasil.estado.br/noticias/geral,diario-de-brumadinho-a-cidade-um-ano-sepois-da-tragedia,7000315797>

³ <https://www.youtube.com/watch?v=jcrJCUAHQuo>

⁴ <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>

⁵ Os depoimentos não serão identificados para garantir o anonimato dos estudantes, mas para que haja uma sistematização dos depoimentos identificarei as falas com uma letra do alfabeto e 4ªT para quarta totalidade junto com EJA (Educação de Jovens e Adultos) e o ano da turma, ficando assim: C.4ªTEJA2019

⁶ Documento gerado a partir das discussões de reorientação curricular para Educação de Jovens e Adultos da Escola Bosque Prof. Eidorfe Moreira.

Referências:

BARBOSA, Ana Mae. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte/Educação Contemporânea**: Consonâncias Internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.

BRASIL. BNCC, Base Nacional Comum Curricular, Ministério da Educação, Ensino Fundamental. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em 03 de dez de 2019.

BORGES, Liana. **Bases Teóricas para o conceito de totalidades de conhecimento**, II Fórum Municipal de Educação.

Bolsonaristas covardes agridem casal vestido de vermelho. **Youtube**, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5sOIIvYR4M>. Acesso em 20 de abril de 2020.

E daí? de Bolsonaro é tema das charges. **Fonte83**, 2020. Disponível em: <https://fonte83.com.br/e-dai-de-bolsonaro-e-tema-das-charges-desta-quarta-veja/>. Acesso em 30 de abril de 2020.

FERREIRA, Yuri. Mundano usa lama tóxica em painel inspirado em Tarsila do Amaral. **Hypeness**, 2020. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2020/01/mundano-usa-lama-toxica-de-brumadinho-em-painel-inspirado-em-tarsila-do-amaral/>. Acesso em 15 de abril de 2020

FREIRE, Paulo, SHOR. Ira, **Medo e Ousadia**: cotidiano do professor. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 57ª ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**, tradução: Maria Cristina F. Bittencourt, Caampinas, SP, Papirus, 1990.

Homem, arte e meio ambiente: Quais são as relações entre homem, arte e meio ambiente? **TVBrasil, Empresa Brasileira de Comunicação**, 2020. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/brasilvisual/episodio/homem-arte-e-meio-ambiente>. Acesso em 16 de abril de 2020.

Prefeitura de Belém, Projeto Político-Pedagógico da Fundação Centro de Referência em Educação Ambiental Escola Bosque Prof. Eidorfe Moreira, 2014.

SUDRÉ, Lu. Crescimento do desmatamento na Amazônia. **Brasil de fato**, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/08/desmatamento-na-amazonia-cresce-63-7-em-abril-grileiro-nao-faz-home-office>. Acesso em 02 de jun. de 2020.

Transformando o nosso mundo: A agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável, ONU Brasil Traduzido pelo Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil (UNIC Rio), última edição em 13 de outubro de 2015. **Nacoesunidas**, 2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acesso em 15 de mar. de 2019.

Nelia Lúcia Fonseca

Doutoranda em Artes pelo PPGARTES-UFGA sob orientação da Prof^a Dr^a Rosângela Marques de Britto, Mestra em Educação Cultura e Comunicação pela FEBF-UERJ, graduação em Educação Artística - habilitação Desenho pela União das Escolas Superiores do Pará (1991). Professora da Fundação Escola Bosque Prof. Eidorfe Moreira e professora aposentada da SEDUC/PA. nelialucia@yahoo.com.br